

A coisa perdida

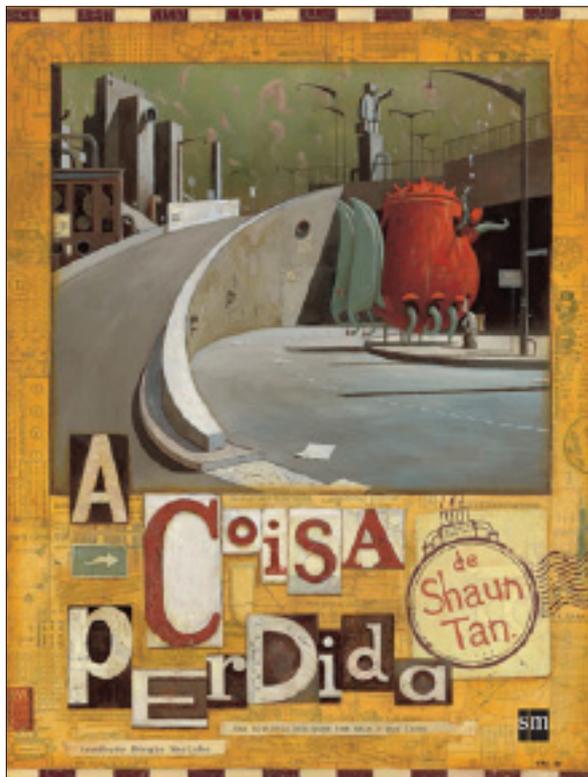
Shaun Tan



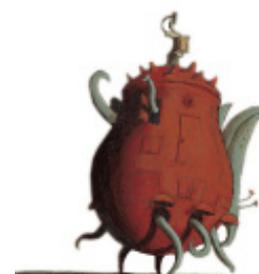
Ilustrações Shaun Tan

Temas abordados Mundo administrado • Alienação • Burocracia
• Censura • Imaginação

GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



32 páginas



O LIVRO Em *A coisa perdida*, o adolescente Pete encontra, abandonado na praia, um objeto não identificado, meio bicho, meio máquina. Apesar de seu tamanho gigantesco e de seu aspecto bizarro, e de a praia estar cheia, ninguém parece prestar atenção na coisa. O garoto, ao contrário, avista-a de longe e fica longo tempo observando quanto ela destoa de tudo, quanto é desconcertante. Depois de fazer amizade com ela, o menino tentará descobrir de onde vem e a quem (ou a qual lugar) pertence. Executar tal tarefa revela-se algo muito difícil, mas o fim da história, embora não ofereça ao leitor moral alguma, encerra por isso mesmo grandes revelações.

O AUTOR E ILUSTRADOR Shaun Tan nasceu em 1974 e cresceu em Perth, no sudoeste da Austrália. Formou-se em 1995, pela Universidade da Austrália Ocidental, em Belas-Artes e Literatura Inglesa e iniciou sua carreira ilustrando histórias de horror e ficção científica em revistas de pequena circulação. Passou, então, a receber inúmeros prêmios. *A coisa perdida* obteve Menção Honrosa da Feira Internacional do Livro Infantojuvenil de Bolonha, Itália, e do Prêmio CBCA (Children's Book Council of Australia), em 2001, Tan foi nomeado Melhor Artista no World Fantasy, Montreal, Canadá, pelo conjunto da obra e trabalhou ainda em filmes de animação dos estúdios Blue Sky e Pixar. *A árvore vermelha* e *A chegada* são outros títulos do autor publicados por Edições SM.

À VIDA ADMINISTRADA

A história se passa em Subúrbia, conforme vemos no cartão-postal que aparece na contracapa de *A coisa perdida*. Em inglês, língua em que foi escrito originalmente o livro, *suburbia* é o coletivo de subúrbio (*suburb*), a periferia residencial de uma cidade, em geral planejada e supostamente mais tranquila, com menos criminalidade, trânsito e sujeira do que a cidade grande. Subúrbia mostra-se, de fato, uma cidade planejada, o que se vê pelos endereços, com ruas numeradas (sem nome) e blocos, e por algumas imagens, como a que mostra a casa de Pete em meio a dezenas de construções idênticas (p. 10-11). Subúrbia é um lugar cinzento, de atmosfera sufocante, feito de concreto e máquinas. Quase não há seres vivos além dos humanos. Não se veem plantas, flores, animais, exceto por um gatinho na casa do protagonista (p. 13). É significativo que, ao procurar anúncios de animais perdidos no jornal, o garoto só encontre “ofertas de conserto de geladeira” (p. 15). A cidade é uma espécie de subúrbio futurístico com certo ar *retrô*: lá se anda de bonde, e as máquinas e eletrodomésticos têm tecnologia analógica.

Além disso, a tediosa Subúrbia funciona como um centro administrativo; seus moradores parecem todos técnicos ou burocratas. Também na contracapa há dois selos com a imagem de um porco e as inscrições “Departamento federal de informação / *ignorare regulatum*” e “Departamento federal de censura / *iluminare prohibitus*”. As frases imitando o latim servem de comentário cômico ao título de cada órgão governamental, mostrando o espírito de humor crítico que anima a obra de Shaun Tan. Como em outros livros seus, a narrativa está intrinsecamente relacionada às ilustrações e ao projeto gráfico, fundamentais para a compreensão da história.

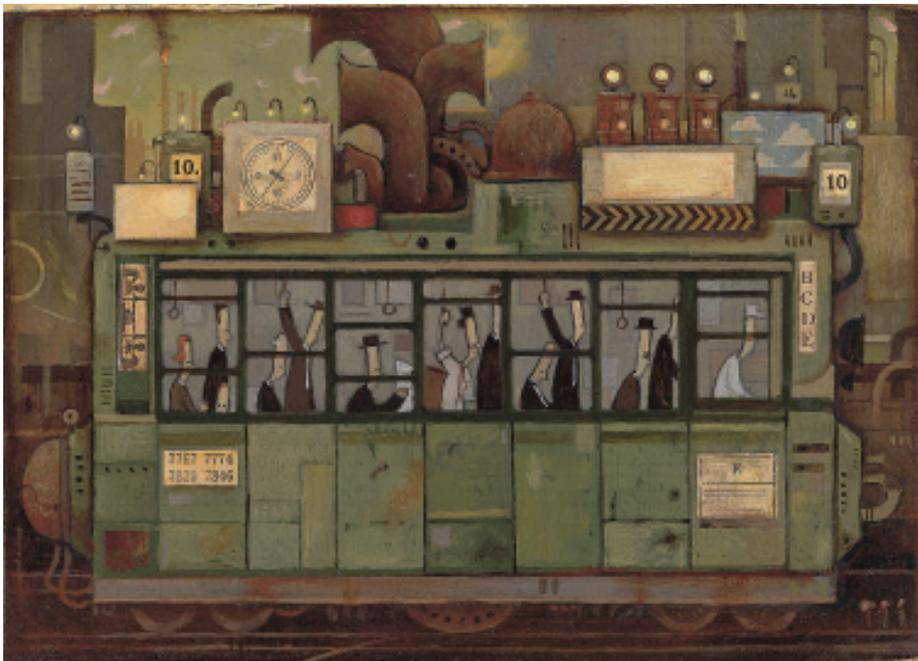
A contracapa traz ainda outros elementos importantes: o cartão que “Shaun” (o personagem central do livro é um *alter ego* do autor) envia ao amigo Pete contém a estampa “Autorizado”; o próprio álbum ilustrado teve de passar pela censura, recebendo a marca de “aprovado” (no canto inferior direito), com os “comentários” do inspetor: “Não se constatou nenhuma ameaça à ordem e à rotina diária. Desimportante. Próprio para o consumo público”. O fundo da capa e da contracapa é uma colagem de papéis amarelados e repletos de fórmulas, cálculos, desenhos técnicos. Todos os personagens do livro estão mergulhados na vida administrada, no mundo técnico-burocrático. Mesmo Pete –



que, à diferença dos sóbrios cidadãos de Subúrbia, usa roupas coloridas e parece ser artista (vemos pincéis e uma tela ao fundo da página 10) – a certa altura vai se preparar para as provas de “Álgebra Industrial Aplicada” (como se lê no cartão-postal). Na ilustração da capa, logo acima da coisa e do adolescente, vê-se uma grande estátua representando um burocrata com um monitor no lugar da cabeça. Ele carrega uma pasta numa das mãos e com a outra aponta para frente. A estátua dita o comportamento dos moradores da cidade: todos se parecem, andam e olham para a mesma direção, conforme se verifica na página 1 do livro, com as pessoas no bonde indo trabalhar, ou na página 17, em que ressalta o rosto fechado e triste dos cidadãos.

O Estado que rege Subúrbia é burocrático, controlador, mas liberal no que diz respeito ao mercado: ainda na contracapa, junto aos dois selos governamentais, há uma mensagem dizendo: “O Estado oferece o pensamento do dia: DEIXE O MERCADO EXISTIR”. Na página 16, em meio aos classificados do jornal, vemos o selo do “Departamento federal de economia / *consumere ergo sum*”, abaixo do qual se lê o seguinte *slogan*: “Acreditamos que, no fim das contas, o que importa mesmo é o saldo”. Há, portanto, uma associação entre o controle totalitário do Estado

e o estímulo à acumulação de capital e ao consumo. O Departamento de Administração é o reino dos “*burocratae opacus*”, como se lê noutra estampa do jornal, os burocratas que se empenham em controlar a população, em alienar e domesticar as massas. A propaganda espalhada por Subúrbia estimula o desejo pela mercadoria e pelo conforto: “Compre calçados práticos”, “Cômodo e tranquilo” (p. 1) e “A estrada adiante é toda de ouro” (p. 29) são mensagens afixadas no bonde. O que foge ao planejamento e ao padrão deve ser isolado e arquivado.



UMA OUTRA COISA

O bicho-máquina do livro de Shaun Tan possui parentesco com o personagem Odradek, do escritor tcheco Franz Kafka (1883-1924). No breve conto “A tribulação de um pai de família”, o objeto estranho, semelhante a um carretel de linha que anda, fala e ri, é visto pela óptica de um pai de família burguês, que deixa transparecer seu incômodo diante dele. Mais que isso, o narrador o difama, sutilmente. A explicação pode ser lida na brilhante análise do crítico Roberto Schwarz: “Odradek é móvel, colorido, irresponsável, livre do sistema de compromissos que prende o pai à família. Mais radicalmente, como construção, Odradek é o impossível da ordem burguesa. Se a produção para o mercado permeia o conjunto da vida social, como é próprio do capitalismo, as formas concretas de atividade deixam de ter em si mesmas a sua razão de ser; a sua finalidade lhes é externa, a sua forma particular é inessencial. Ora, Odradek não tem finalidade, i.e., finalidade externa, e é completo à sua maneira, i.e., tem sua finalidade em si mesmo, sem o que não há ser completo. Odradek, portanto, é a construção lógica e estrita da negação da vida burguesa” (em *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 25-26).

A COISA INÚTIL

Já pela aparência, a coisa destoa de tudo: é grande, desengonçada, de um vermelho vivo, contrastando com o cinzento e as outras cores opacas da cidade. Ela também foge às classificações, parece um híbrido de bicho e máquina – uma máquina que não sabemos para que serve. Ademais, é simpática, receptiva e sabe brincar, o que não condiz com o pragmatismo de Subúrbia, onde tudo parece ter um propósito e uma utilidade prática. Tudo gira em torno da técnica e da tecnologia, que servem à construção e à manutenção de máquinas. As máquinas, por seu turno, servem à manutenção de um modo de vida sem espaço para o ócio criativo, o lazer, as artes. Até a praia, organizada e espremida por um grande paredão de concreto, é cheia de tubulações e vigiada por um salva-vidas que mais parece um fiscal, olhando tudo com binóculo e dando ordens com megafone. Essa imagem é significativa, pois o salva-vidas está tão ocupado e em posição tão elevada que não vê a coisa na base do mirante em que se encontra (p. 8). Também os banhistas estão “ocupados demais com coisas de praia” (p. 4) para ver o objeto estranho – até o lazer é administrado. Tampouco os pais do garoto atentam imediatamente para a coisa, que ocupa um espaço enorme na sala já abarrotada (p. 13), pois as notícias dos jornais e da TV absorvem-lhes toda a atenção.

A coisa não merece atenção simplesmente porque a lógica burocrática, avessa à imaginação, é incapaz de compreendê-la. Entretanto, a apatia generalizada dos habitantes de Subúrbia também impede que a coisa seja presa, arquivada ou destruída. Talvez por isso o governo tenha colocado um grande anúncio no jornal, por intermédio de seu departamento “de tralhas e troços”, cujo lema é “*varrendum debai-xus tapetis*”. No anúncio, na página 16, lê-se: “Você acha que sua rotina foi alterada inesperadamente por pertences sem dono? Objetos sem nome? Incômodos artefatos de origem desconhecida? Sobras de fundo de gaveta? Coisas que não se encaixam? Não se desespere! Temos o covil ideal para guardá-los”.

Assim, vemos que a coisa não é o primeiro objeto perdido a surgir na cidade. Deve haver outros como ela. A esses objetos o governo destina um prédio alto e cinzento, sem janelas, que mais parece uma prisão. Novamente, vemos a burocracia

cia agindo: o garoto deverá preencher uma pilha enorme de papéis para poder encaminhar a coisa. Mas, novamente também, os mecanismos estatais de controle são subvertidos pela própria incompetência: a morosidade do processo abre uma brecha para que um faxineiro do prédio apresente ao garoto uma saída. O funcionário também se assemelha a uma coisa, um bicho estranho, com rabo e braços como tentáculos. Discretamente, ele avisa ao rapaz: “Este é um lugar para esquecer, deixar para trás, pôr de lado” (p. 21). É o que já indica o próprio *slogan* do “Departamento de tralhas e troços”: varrendo para debaixo do tapete o que não se compreende, o que não se utiliza, o que incomoda.

Felizmente, nosso personagem consegue chegar ao local indicado graças ao cartão que lhe deu o funcionário da limpeza. Sem demora, a porta se abre, revelando um lugar iluminado, com céu azul e uma porção de seres de diferentes cores e formatos (p. 26-27), estranhos como a coisa. Um ambiente alegre, que em nada lembra Subúrbia. A coisa faz um “ruído de aprovação”, reconhecendo seus pares, seu lugar, não necessariamente seu lugar de origem, mas uma brecha “à margem do sistema”. A terra das coisas perdidas parece, pois, uma comunidade de resistentes. Ali bichos-máquina inúteis se organizam para simplesmente existir, a salvo das exigências produtivas e burocráticas. Nesse sentido, seu lugar é uma espécie de *utopia*, palavra grega que significa, literalmente, “não lugar”. Por isso mesmo, a coisa simboliza também a noção de “não pertencimento”. Ela pode ser vista, enfim, como uma alegoria do que escapa à vida administrada, burocrática, que estreita nosso campo de percepção e coloca de lado (ou varre para debaixo do tapete...) elementos essenciais à vida do espírito.

O desfecho de *A coisa perdida* não tem uma moral, conforme nota o narrador, pois a história não pretende ser útil nem edificante. Ela é também uma *coisa* em si mesma, que apenas nos convida a prestar atenção em tantas *coisas* que deixamos por vezes de apreciar – daí o subtítulo irônico do livro, “Uma história para quem tem mais o que fazer”. Mesmo o protagonista, único habitante de Subúrbia capaz de ver a coisa, perderá aos poucos essa capacidade ao crescer: “Talvez já não existam tantas coisas perdidas por aí. Ou talvez eu tenha deixado de percebê-las. Ando ocupado demais com outras coisas, eu acho” (p. 31).



UM FLANÊUR TROPICAL

No Brasil, o jornalista e escritor João do Rio (1881-1921), grande cronista da vida nas ruas, também escreveu sobre a “arte de flunar”: “Flunar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flunar é ir por aí, de manhã, de dia, de noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino da gaitinha ali na esquina [...]. É vagabundagem? Talvez. Flunar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado *flanêur* ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas” (em *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997).

O FLANÊUR E O COLECIONADOR

A atitude do personagem central de *A coisa perdida* assemelha-se à do *flanêur*. O substantivo vem do verbo francês *flâner*, que significa passear sem pressa, sem rumo, ao acaso, deixando-se levar pelo espetáculo do momento. O termo foi empregado por diversos escritores e pensadores, mas foi o poeta francês Charles Baudelaire (1821-1867) quem o consagrou definitivamente, usando-o para definir a experiência do homem em meio à multidão da grande cidade, uma experiência moderna por excelência. Na poesia baudelaireana, a cidade aparece como um labirinto, cujos habitantes experimentam uma incômoda proximidade física e também grande distância afetiva: pode-se, por exemplo, passar horas no transporte público ao lado de pessoas desconhecidas. O *flanêur* é, como o próprio fenômeno urbano, um produto da Revolução Industrial. Mas, ao mesmo tempo que se perde na multidão, é ali um indivíduo singular, pois não participa do mundo do trabalho, dos horários, da pressa; ele caminha de modo lento e ocioso.

Vagar em meio ao labirinto da cidade permite ao sujeito perceber o que os outros não percebem. É o que acontece em *A coisa perdida*, cujo protagonista, em férias, não estava fazendo “nada de mais”; apenas “andava, como sempre” (p. 3), em busca de tampinhas de garrafa para sua coleção. O garoto não possui nenhuma obrigação ou senso de urgência; não está ocupado, como os outros cidadãos, “ocupados demais com coisas de praia” (p. 4). Ele anda a esmo, procurando objetos considerados inúteis pela maioria. Nesse sentido, é ocioso e “vagabundo” como o *flanêur*, podendo parar sem motivo e sem pressa, por longos períodos, para contemplar a coisa perdida.

O fato de o protagonista ser um colecionador é importante porque, também ao perseguir os objetos de sua coleção, o garoto precisa ver o que os outros não veem. O filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940), que estudou, entre outros aspectos da vida moderna, o conceito do *flanêur* e a obra de Baudelaire, observa que a coleção é uma espécie de “círculo mágico”, um sistema novo e inédito de objetos desligados de sua utilidade original, de suas relações funcionais. Assim, o colecionador exerce a contemplação desinteressada sobre suas coisas, numa ordem alheia à do mundo das obrigações e da produtividade.

O LUCRO DA POESIA

Outro poeta que defendia a poesia como “inestimável inutilidade” era Paulo Leminski (1944-1989). Ele costumava equiparar a poesia às coisas da vida que não carecem de justificativa, que são um fim em si mesmas. Por outro lado, ao pensar a poesia na contramão da utilidade, Leminski procurava fazer também uma crítica à sociedade de consumo, à ganância e à exploração do trabalho. No texto “A arte e outros inutilidades”, lê-se: “A burguesia criou um universo onde todo gesto tem que ser útil. [...] O pragmatismo de empresários, vendedores e compradores, mete preço em cima de tudo. Porque tudo tem que dar lucro. [...] Fazemos as coisas úteis para ter acesso a estes dons absolutos e finais [a poesia, o amor, a amizade etc.]. A luta do trabalhador por melhores condições de vida é, no fundo, luta pelo acesso a estes bens, brilhando além dos horizontes estreitos do útil, do prático e do lucro. [...] O lucro da poesia, quando verdadeira, é o surgimento de novos objetos no mundo. Objetos que signifiquem a capacidade da gente de produzir mundos novos. Uma capacidade inútil. [...] As pessoas sem imaginação estão sempre querendo que a arte sirva para alguma coisa. Servir. Prestar. O serviço militar. Dar lucro. Não enxergam que a arte (a poesia é arte) é a única chance que o homem tem de vivenciar a experiência de um mundo da liberdade, além da necessidade. As utopias, afinal de contas, são, sobretudo, obras de arte. E obras de arte são rebeldias” (em: *Folha de S.Paulo*, Ilustrada, 18 out. 1986).

INUTENSÍLIO

A inutilidade da coisa perdida evoca a noção da arte como um domínio à parte, livre do pragmatismo do mundo corporativo e burocrático. Tal visão pode recair no que se chama de “arte pela arte” ou “esteticismo”, posicionamento artístico forte no século XIX – Charles Baudelaire foi um de seus adeptos. O *slogan* “arte pela arte” expressa a ideia de que o valor intrínseco da arte está separado de funções pedagógicas, utilitárias ou morais. A arte seria autônoma, teria valor em si mesma, sem precisar de nenhuma justificativa externa.

No Brasil, o Parnasianismo (século XIX) foi um movimento literário que levou o esteticismo ao extremo, abraçando totalmente a ideia da arte pela arte e da poesia como domínio das formas perfeitas e dos temas elevados. Um pouco mais tarde, o Modernismo (início do século XX) romperia com essa ideologia. Contudo, ao longo do século XX ela ressurgiria em diferentes momentos, com maior ou menor força.

Mais recentemente, embora lidando com temas corriqueiros, sem recorrer necessariamente às formas fixas, vemos ainda poetas que defendem a arte como domínio autônomo, como um fim em si mesmo. Essa visão tem certamente parentesco com a noção de arte pela arte. É o caso de Manoel de Barros, nascido em 1916. O poeta conviveu com a chamada Geração de 45, que possuía, de modo geral, afinidades estéticas com os parnasianos. Embora a poesia de Barros siga um caminho totalmente diferente, ele afirma: “O poema é antes de tudo um inutilidade. [...] Pra mim é uma coisa que serve de nada o poema / Enquanto vida houver”.



A coisa perdida certamente pode ser identificada a esses objetos que surgem por força da imaginação, objetos artísticos que permitem ao homem experimentar uma liberdade utópica. A terra dos objetos perdidos, que vislumbramos rapidamente no livro, poderia assim ser vista também como o mundo da arte e da poesia.



ARTE DE RUA E UTOPIA

A ilustração da terra dos objetos perdidos (p. 26-27) lembra muito a obra de pintores surrealistas, como a do italiano Giorgio de Chirico (1888-1978), do alemão Max Ernst (1891-1976) e do catalão Salvador Dalí (1904-1989). O desenho evoca também o repertório visual do pintor holandês Hieronymus Bosch (1450-1516), com sua imagética fantástica e representações do paraíso (ao lado de cenas terríveis do inferno).

Todavia, se observarmos o contraste entre o colorido vibrante da terra das coisas perdidas e o tedioso cinzento das ruas suburbanas, também é possível relacionar as ilustrações de Tan a uma expressão artística contemporânea: a *street art*, ou arte de rua. O termo refere-se a manifestações de arte visual desenvolvidas em espaços públicos, envolvendo técnicas como grafite, estêncil, *stickers* (adesivos), entre outras. Um dos principais objetivos da arte de rua é que ela seja comunicável, fazendo parte do dia a dia das pessoas, questionando o espaço e a sociedade. Originalmente, esse tipo de arte tem caráter independente e subversivo, apropriando-se do espaço público sem autorização oficial, como forma de ativismo político. Com o passar do tempo, muitos artistas de rua migraram para galerias de arte ou realizam obras sob encomenda. Contudo, o aspecto combativo e utópico da arte de rua continua vivo – o que nos permite também relacioná-la com a coisa perdida.

Um dos mais célebres artistas de rua contemporâneos, o inglês Banksy, notabilizou-se por suas intrigantes intervenções urbanas, desde a escultura de uma cabine telefônica “assassinada”, tombada numa calçada de Londres, até as pinturas de cenas paradisíacas, irônicas e alegres no muro construído por Israel ao redor dos territórios palestinos ocupados. Uma de suas inscrições diz: “Se o grafite pudesse mudar alguma coisa, seria ilegal”.

NARRATIVA VISUAL

O projeto gráfico e as ilustrações do livro de Shaun Tan são parte fundamental da narrativa, tão importantes quanto o texto. A história, contada em primeira pessoa pelo protagonista, aparece em um texto escrito à mão sobre tirinhas de papel pautado. Mas ela não contém nenhuma informação sobre o lugar onde a narrativa se desenrola, nem descrições explícitas da criatura encontrada pelo garoto. Lido isoladamente, o texto poderia remeter a qualquer objeto ou animal perdido, como um cachorro, por exemplo. Da mesma forma, a história poderia se passar em um local qualquer, e não na peculiar Subúrbia. Tudo é tratado com

muita naturalidade pelo garoto. Assim, as imagens subvertem as expectativas do texto, e daí vem muito do humor da história.

Há também o lado sombrio, pois o livro apresenta-se como um produto de Subúrbia: é visualmente denso, tendo algo de “congestão e compressão”, nos termos do próprio autor. Assim como a cidade que ele representa, o livro não possui nenhum espaço vazio em suas páginas forradas de textos e desenhos técnicos. Essas ilustrações de pano de fundo foram retiradas, como informa Tan, de velhos livros didáticos de física e matemática pertencentes ao pai do autor. Elas assinalam a funcionalidade sem sentido do mundo de Subúrbia.

Mas as colagens também resultam, muitas vezes, em uma poesia acidental, que surge do deslocamento das frases técnicas para o contexto de *A coisa perdida*. No canto direito da página 15, há um pequeno parágrafo intitulado “A cor das coisas transparentes”, explicando o que é uma “substância transparente”, qual sua relação com a luz. A imagem é bela em si mesma, inesperada, e dialoga com a ilustração da coisa escondida num galpão, emanando a luz que é possível ver pelas frestas. A própria coisa perdida pode ser vista também como um feliz acidente, um subproduto involuntário do mundo industrial.

NA SALA DE AULA

1. A CIDADE E A DESATENÇÃO

O prédio do departamento de tralhas e troços “é um lugar para esquecer, deixar para trás, pôr de lado” (p. 21). No livro, é onde se arquivam as coisas-bicho fora da ordem; figurativamente, em nossa sociedade, o departamento representa o comportamento das instituições ou nossa atitude diante do que consideramos difícil, inútil ou perturbador. Nesta atividade, o professor pode propor aos alunos que pensem sobre coisas – objetos, animais, pessoas – muitas vezes tratadas com desprezo ou indiferença em nosso mundo. Um exemplo é o modo como a cidade lida com animais abandonados. Como as pessoas reagem a um cão ou gato vadio? Procuram cuidar, dar comida e abrigo, saber de onde veio o bicho? Ou o maltratam e expulsam? Outro exemplo vem do consumo e do descarte desenfreado de objetos como brinquedos, roupas, livros. Sem falar de nossa relação com a natureza e com aquilo que extrapola a lógica privatista: os



parques, as áreas verdes, as praias. Será que, ao “usar” esses espaços públicos, as pessoas também cuidam deles? Que outros exemplos os alunos observam em seu cotidiano? O que cada um, pessoalmente, considera inútil ou deixa de apreciar em seu dia a dia por falta de atenção? A discussão pode terminar com os alunos criando propostas para lidar com esses problemas ou modificar essas relações e pontos de vista.

2. OBJETOS-BICHO

Uma segunda atividade pode começar na aula de artes: os alunos devem criar um objeto-bicho. Primeiro eles fazem um esboço, desenhando um plano para a confecção de sua *coisa*. Depois a constroem como um objeto tridimensional: uma escultura, uma pequena instalação. Na etapa seguinte, escrevem sobre sua coisa: o que é, de onde vem, onde vive, onde foi encontrada etc. Os objetos e perfis podem ser expostos numa mostra das coisas perdidas.

3. COM OLHOS DE COISA

O livro de Shaun Tan é narrado em primeira pessoa, do ponto de vista do garoto que encontra a coisa. Nesta atividade, os alunos assumem o ponto de vista da coisa perdida, narrando a história de acordo com sua visão sobre as pessoas e a cidade em que vivem. Pode-se explorar também como é a vida na utópica terra das coisas perdidas e os sentimentos e a visão de mundo dos objetos ignorados, excluídos.

4. REDESCOBRINDO AS RUAS

Subúrbia é uma cidade cinzenta, tediosa e opressiva. Como é a cidade em que vivem os alunos? Em que aspectos aproxima-se ou distancia-se da que se vê no livro? Antes da conversa, o professor pode pedir que observem as ruas, o movimento das pessoas, os veículos, os prédios e as construções. Que sentimentos a cidade traz, bons ou ruins? Após essa primeira discussão, o professor fala sobre arte de rua com os alunos, trazendo exemplos e perguntando o que os eles sabem sobre esse modo de expressão. Os alunos procuram observar se há exemplos de arte de rua na sua cidade. Se houver, como são? E como essas manifestações afetam o cotidiano deles mesmos e das outras pessoas? Após a reflexão, pode-se propor uma atividade em conjunto com o professor de Artes: os alunos realizariam pequenas intervenções artísticas no espaço escolar, com técnicas semelhantes às empregadas pelos artistas de rua. Depois, documentariam a reação dos outros estudantes, professores e funcionários às intervenções, refletindo sobre os resultados.



SUGESTÕES

PARA O PROFESSOR

LIVRO

- SCHWARZ, Roberto. “A tribulação de um pai de família”. In: *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
O conto de Franz Kafka é traduzido e analisado por Roberto Schwarz.

FILMES

- *Fahrenheit 451*. Direção: François Truffaut. Elenco: Cyril Cusac, Julie Christie, Oskar Werner. Reino Unido, 1966. 112 min.
Baseado em romance do escritor Ray Bradbury (1920-2012), o filme retrata uma sociedade futurística, organizada e controlada por um governo totalitário. Os livros foram banidos por seu potencial de estimular o pensamento livre e crítico dos cidadãos, e também sua imaginação e criatividade. Bombeiros têm a função de queimar todos os livros que encontram – à temperatura de 451 graus Fahrenheit. Os subversivos leitores refugiam-se na floresta, numa comunidade alternativa em que cada um é responsável por memorizar uma grande obra da literatura e do pensamento universal. O filme é uma bela fábula sobre o totalitarismo e os meios de subvertê-lo.
- *Exit through the gift shop (Saída pela loja de presentes)*. Direção: Banksy. Estados Unidos/Reino Unido, 2010. 87 min.
Dirigido pelo artista Banksy, o documentário retrata o universo dos artistas de rua com um caso surpreendente e representativo das relações entre arte de rua e mercadoria, marginalidade e cultura das celebridades.

PARA O ALUNO

LIVRO

- TAN, Shaun. *A árvore vermelha*. São Paulo: Edições SM, 2008.
O livro trata da sensação de deslocamento e estranhamento, um dos temas preferidos do autor, por meio das sensações e percepções de uma menina. Em meio a imagens oníricas e surreais, ela vive uma jornada que vai da desolação à esperança.

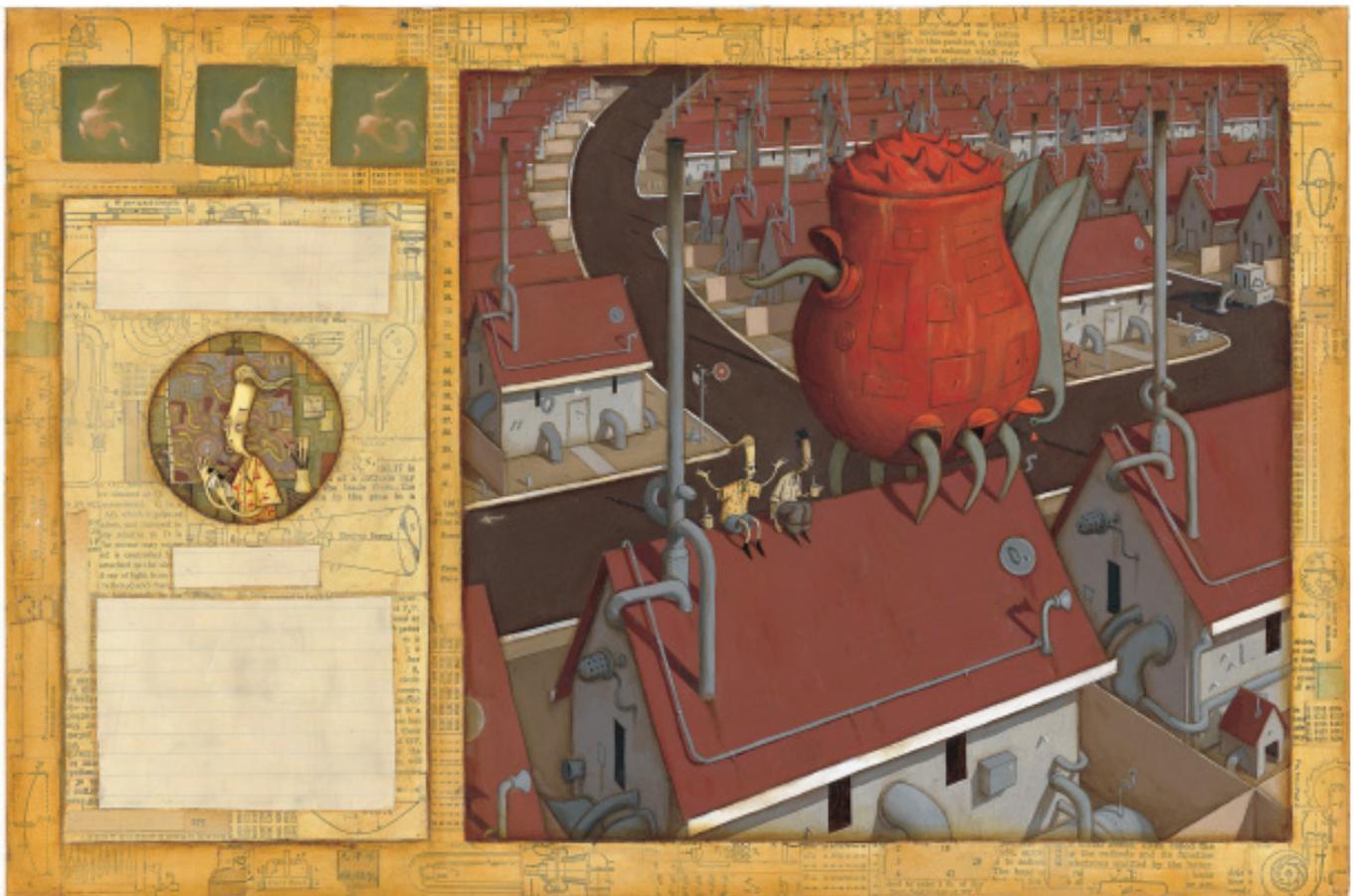
FILME

- *A coisa perdida (The lost thing)*. Direção: Shaun Tan e Andrew Ruhemann. Austrália/Reino Unido, 2010. 15 min.

O curta-metragem de animação, que venceu o Oscar 2011 em sua categoria, traz detalhes que não estão no livro e ajudam a pensar a história. Disponível em: <<http://www.thelostthing.com>>.

SITES

- *Banksy*: <<http://www.banksy.co.uk>>. O site do artista traz algumas de suas principais obras-intervenções urbanas.
- *Street art utopia*: <<http://www.streetartutopia.com>>. Série de vídeos e fotos mostrando exemplos de arte de rua ao redor do mundo.



ELABORAÇÃO DO GUIA CHANTAL CASTELLI, DOUTORA EM TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA PELA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (FFLCH-USP). PREPARAÇÃO FABIO WEINTRAUB. REVISÃO CARLA MELLO MOREIRA E MARCIA MENIN.